FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

BRIGADA DE ESTUDOS DE AZULEJARIA

da montagem e apresentação museológica de azulejos

POR

J. M. DOS SANTOS SIMÕES

LISBOA

1963

Digitalizada com CamScanner

DA MONTAGEM E APRESENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DE AZULEJOS

Digitalizada com CamScanner

Poucas Colecções e Museus de Arte existirão no mundo onde não figurem, com maior ou menor extensão, exemplares de cerâmica decorativa. Já quando se trata de museus eclécticos e gerais onde tais exemplares se encontram, por via de regra, incorporados nas secções de cerâmica ou, mais raramente, nos museus monográficos onde eles são agrupados isoladamente constituindo, só por si, secções independentes, o problema da montagem e exposição de quadros em painéis cerâmicos, preocupa os respectivos conservadores.

Nos museus estrangeiros, salvo casos excepcionais, os agrupamentos de azulejos limitam-se a pequenas áreas onde, com «quadros» de reduzidas dimensões, realizam mostruários didácticos que exemplificam os vários tipos de padronagem; os azulejos de motivos isolados — com um tema completo por azulejo ou por séries de azulejos — expõem-se geralmente em armários-mostradores ou em vitrines. Em qualquer caso, porém, as secções de azulejaria não são extensas nem muito variadas, como aliás não são extensas nem variadas as aplicações azulejares dessas nações. É evidente que se exceptuam, de certo modo, países como a Espanha (Museu Nacional de Cerâmica «Gonzalez Martí», de Valência, Museu Arqueológico Nacional e Instituto «Valência de Don Juan», de Madrid), Tunísia (Museu do Bardo) e Turquia (Museu Nacional de Cerâmica de Istambul), onde a decoração cerâmica tem primordial importância e está

Digitalizada com CamScanner

incluída nos quadros das preocupações de estudiosos da História da Arte [1].

O caso português afigura-se de certo modo diferente pois que neste país o azulejo tem inegável importância no conjunto das actividades artísticas e ecológicas, constituindo uma das poucas modalidades com características específicas merecedoras de consideração e apresentação diferenciadas. Um MUSEU DO AZULEJO impunha-se em Portugal, nomeadamente em Lisboa, capital metropolitana, centro produtor cerâmico dos mais importantes do Mundo.

Os carácteres morfológicos do azulejo português, nas suas expressões mais diferenciadamente «nacionais» são a sua aplicação por vezes monumental, a versatilidade dessas mesmas aplicações, o interesse iconográfico das representações picturais, a validade estética das composições puramente decorativas, enfim, a lição histórica da evolução estilística, testemunhando o labor de verdadeiros artistas-pintores. Estes os elementos ponderáveis ao pretender-se equacionar o problema de uma montagem e apresentação museológica.

Fundamentalmente o azulejo português só pode ser justamente avaliado quando integrado nos locais para onde foi concebido e realizado, nos conjuntos arquitectónicos nos quais ele funciona adjectivamente. É nas Igrejas e Capelas — juntamente com a talha dourada — nos palácios, enquadrando escadarias, corredores ou salões, nas fachadas, formoseando enormes superfícies ou nos jardins, misturando-se com a vegetação floral, que o azulejo pode, realmente, ser compreendido, admirado ou estudado.

No entretanto têm que ser recolhidos e conservados em museus aqueles exemplares que por qualquer razão foram separados dos seus locais primitivos e que, na impossibilidade de serem reconduzidos numa ambiência própria à sua função decorativa, podem ainda assim funcionar didàcticamente como exem-

Digitalizada com CamScanner

Ciclo de Palestras sobre

AZULEJARIA

Fundação Calouste Gulbenkian

Digitalizada com CamScanner

Ciclo
de Palestras
sobre

por J. M. dos Santos Simões

A Fundação Calouste Gulbenkian mantém, desde 1958, a Brigada de Estudos de Azulejaria, cuja finalidade é a elaboração do «Corpus» da Azulejaria Portuguesa, do qual se encontram publicados os dois primeiros volumes. Entendeu-se ser oportuno promover a realização de um ciclo de palestras com o objectivo de levar ao público interessado os conhecimentos basilares dessa modalidade artística — o azulejo — de tão relevante papel no quadro da Arte Portuguesa.
Encarrega-se deste ciclo de palestras o Chefe da Brigada de Estudos de Azulejaria Senhor Engenheiro Santos Simões, cujos trabalhos nesta especialidade são sobejamente conhecidos.

Auditório
da Fundação Calouste Gulbenkian

Estas palestras
serão proferidas
às 3.as feiras
nos dias indicados
às 18.30 horas,
com entrada livre.

I
9/1/68

II
16/1/68

III
23/1/68

IV
30/1/68

V
6/2/68

VI
13/2/68

Digitalizada com CamScanner

Sumários das Palestras

I — 9/1/68

Conceitos de decoração arquitectural: a cerâmica como material estrutural e decorativo. A Escala e o Ritmo. As matérias e as técnicas: do barro ao azulejo.

II — 16/1/68

Aplicações cerâmicas nos países islamizados. Técnicas e evoluções. Migrações de artistas e de produtos: Mediterrâneo e Península Ibérica. A decoração cerâmica na Itália do Renascimento: Della Robbias e majólica.

III — 23/1/68

Introdução do azulejo em Portugal. Importações andaluzas e levantinas: características e núcleos mais importantes. Técnicas e formas mudéjares: épocas «manuelina» e joanina. Diferenciação das aplicações azulejares em Portugal. A Flandres como centro de irradiação de artistas e de artífices: reflexos na Península — azulejos ditos «pisanos». Talavera de la Reina e Sevilha. Malegueiros flamengos em Lisboa. Independência do azulejo português.

IV — 30/1/68

Azulejaria portuguesa do século XVII: processos, técnicas e temáticas ornamentais: o azulejo dito de «tapete». Adaptabilidade à arquitectura maneirista e pré-barroca.

V — 6/2/68

Continuação do século XVII. As aplicações diferenciadas: frontais de altar, painéis ornamentais e figurativos. O mister do azulejador-decorador. Papel das ordens religiosas e da Igreja como principais consumidores. Exemplos nas Ilhas e no Brasil.

VI — 13/2/68

Evolução da azulejaria no Norte da Europa: a Holanda e a influência holandesa na azulejaria portuguesa; o «azul e branco», causas e favor desta moda.

Digitalizada com CamScanner

plos, ou mais simplesmente, como relíquias de valor artístico ou arqueológico.

Não é minha intenção trazer para aqui o problema da museologia do azulejo em toda a sua complexa magnitude nem pôr em discussão as muitas dúvidas e hesitações que necessàriamente assaltam quem pretende organizar um museu, mas tão sòmente apresentar algumas soluções já adoptadas e que ou foram aprendidas na observação de práticas estrangeiras — particularmente na Holanda — ou são o resultado de trabalhos originais e comprovados pràticamente. Porque quase todos os museus de arte portuguesa possuem azulejos expostos ou aguardando exposição — particularmente dos tipos «mudejares» (hispano-árabes) ou de padronagens seiscentistas — julgo de certo interesse para quantos têm responsabilidades museológicas o conhecer pràticamente como se vem trabalhando na montagem de azulejos a serem expostos no Museu do Azulejo, em organização no antigo Mosteiro da Madre de Deus (Lisboa, Xabregas) dependência do Museu Nacional de Arte Antiga, e cuja instalação vem sendo subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

São inúmeros os procedimentos usados na montagem de azulejos destinados a exposição em museus, colecções ou galerias: desde a fixação dos azulejos às paredes ou a caixas, por meio de massas usadas na construção civil — cal e areia, cimento, etc. — até complicadas armações onde os azulejos se seguram por meio de parafusos e anilhas, etc. Aqui, como de resto na maioria dos suportes de exposição, não existe um procedimento mais geralmente aceite, todos tendo naturalmente os seus defensores e detractores. O sistema que se adoptou no nosso caso foi aquele, que, de entre todos, nos pareceu oferecer melhores condições e possibilidades de aplicação aos nossos ambientes e recursos.

Para poder assegurar uma continuidade de métodos e um aperfeiçoamento de especialidade, torna-se indispensável poder

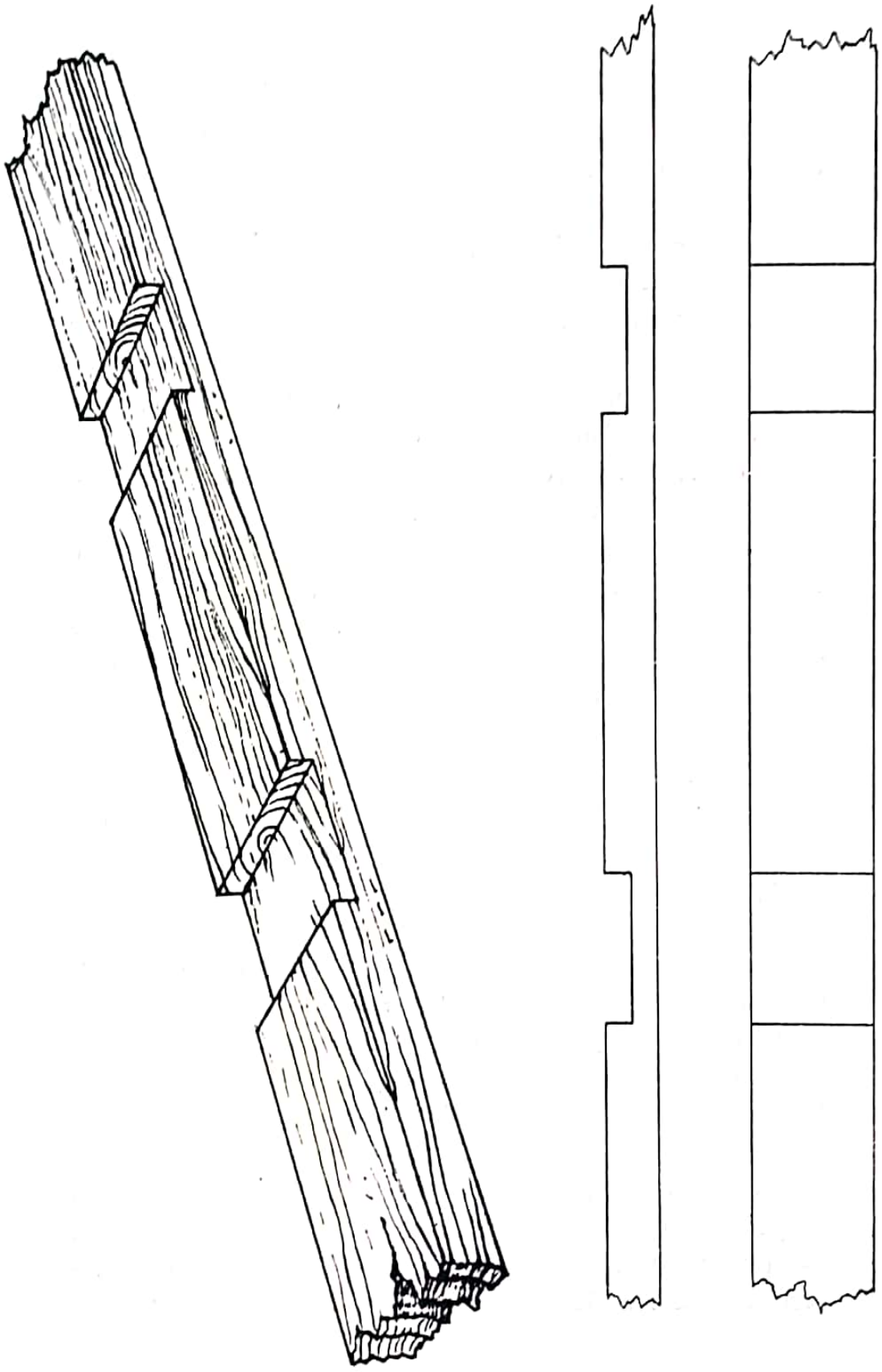
Digitalizada com CamScanner

dispor de uma pequena oficina de montagem e reparações, equipada com os instrumentos de trabalho indispensáveis. Além do material comum a qualquer modesta oficina de carpinteiro, são necessários certos acessórios especiais, aliás de fácil e económica aquisição. Em primeiro lugar é necessário uma fonte de calor — fogareiro — para a preparação a quente das colas que servirão para a fixação dos azulejos ou para a sua reparação. Hoje, o uso do gás de butano, fornecido por firmas bem conhecidas (Cidla, Shell, etc.) facilita económica e higièmicamente a solução do problema dos aquecimentos. Como fonte de calor complementar e de grande utilidade para aplicações incisivas, dever-se-á dispor de um maçarico de soldador, trabalhando com gasolina.

Os recipientes para a dissolução dos ingredientes — em banho-maria — e outros para o transporte e aplicação das colas podem ser adquiridos no mercado e não apresentam quaisquer dificuldades na escolha: a «Feira da Ladra» é um magnífico centro fornecedor a que frequentemente se recolheu: nas lojas de ferro-velho encontram-se por vezes boas vasilhas de cobre ou de metal.

Como matérias-primas dispor-se-á de réguas de madeira prèviamente afeiçoadas em medidas normalizazdas — 6 × 1,5 cm de secção — preferìvelmente cortadas na serração fornecedora. Nestas réguas deverão ser praticados encaixes equidistantes (vidé esquema I) a fim de permitirem a montagem de «grades» que são, finalmente, os suportes dos azulejos. A medida e equidistância desses encaixes depende teòricamente das dimensões dos azulejos; pràticamente, porém, e dado que os azulejos portugueses mais frequentes têm 14 cm de lado, pode-se tomar esta dimensão como «normal» e mandar fazer os encaixes com aquelas equidistâncias. Estes encaixes podem já vir abertos da serração fornecedora — o que evita percas de tempo e encargos suplementares de mão-de-obra. No caso de os azulejos serem,

Digitalizada com CamScanner



Digitalizada com CamScanner

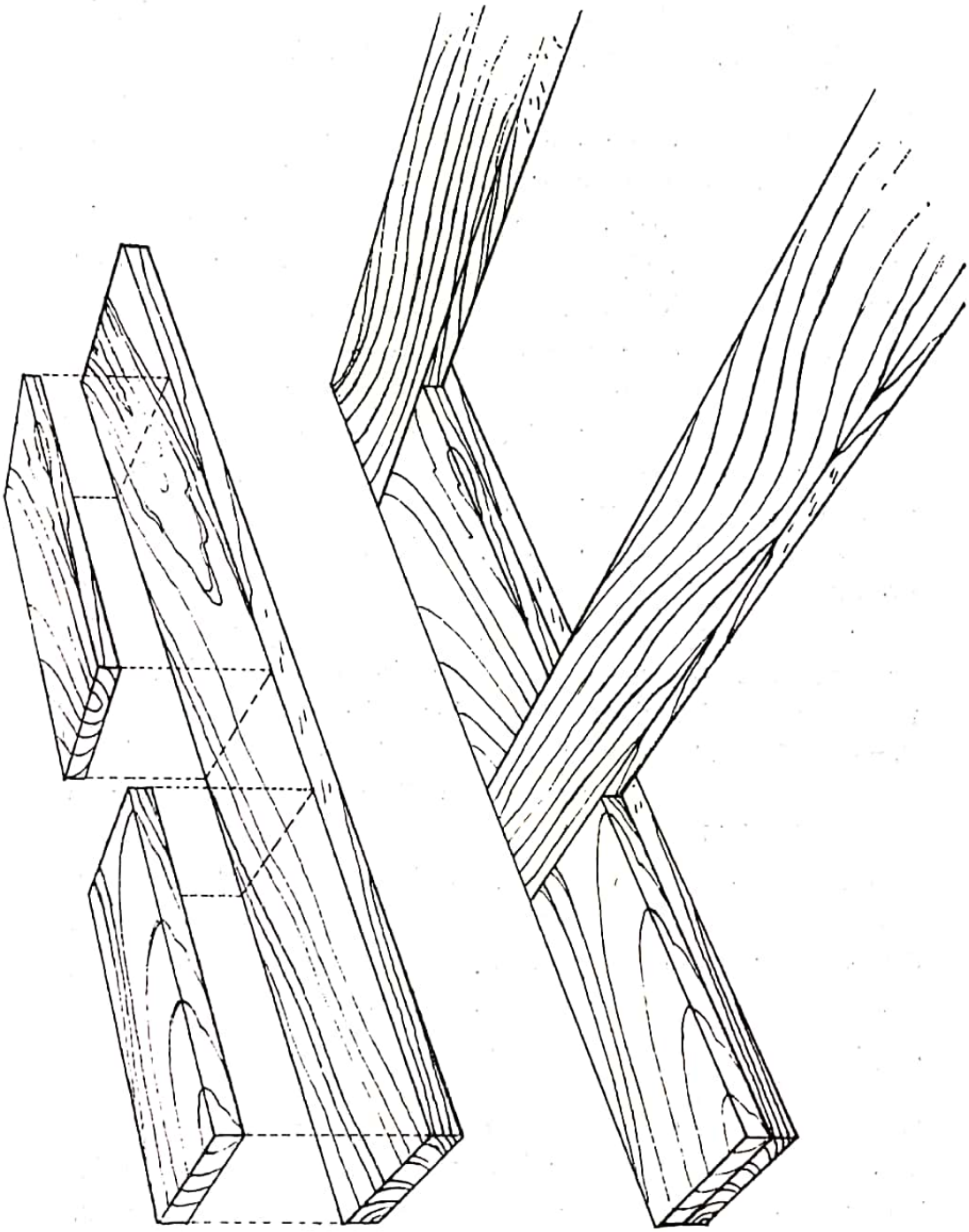
de facto, maiores ou menores do que a medida «normal» — certos tipos de Coimbra, p. ex. — não há mesmo assim inconveniente grave na adopção das grades de recticulado a 14 cm, já que as diferenças observadas, distribuidas pela grade, não afectam a segurança dos conjuntos.

Outro procedimento porventura mais económico, se bem que menos resistente, consiste em adoptar réguas de madeira de secção rectangular de 6×1 cm, simples, com as quais se «arma» a grade por simples sobreposição pregada. A fim de assegurar uma das faces plana — para colagem dos azulejos — poder-se-ão cortar de uma régua os pedaços que assegurarão não só as equidistâncias entre as réguas como também aquele plano de assentamento (esquema II). Para a consolidação das réguas e espaçamentos é de aconselhar o emprego de colas próprias para madeira, podendo usar-se pregos para auxiliar o processo de aderência; passado o tempo necessário para a secagem da cola retiram-se os pregos.

Dado que a própria armação em «grade» confere ao conjunto uma estrutura desempenada, não se exigem madeiras especiais, bastando o pinho vulgar (cerne), isento de nós. Aconselha-se no entanto proceder à imunização da madeira com qualquer produto protector, operação de que as mesmas serrações se podem encarregar, fornecendo as réguas já imunizadas.

Uma vez agrupados os azulejos que vão constituir a «unidade museológica» — painéis quadrados ou rectangulares com uma ou várias «repetições» de padrões, quadros figurativos ou ornamentais, etc. — o artífice consciente estuda a forma de realizar as «grades» de sorte a que não se excedam os limites de segurança dos quadros, apreciados em função do peso dos azulejos e da espessura e qualidade da madeira. Usando madeira de pinho — sem nós — e aplicando azulejos de cerca de 530 g — caso dos azulejos «mudejares» mais pesados — não se deverão colocar mais de 8 azulejos por fiada horizontal ou vertical,

Digitalizada com CamScanner



Digitalizada com CamScanner

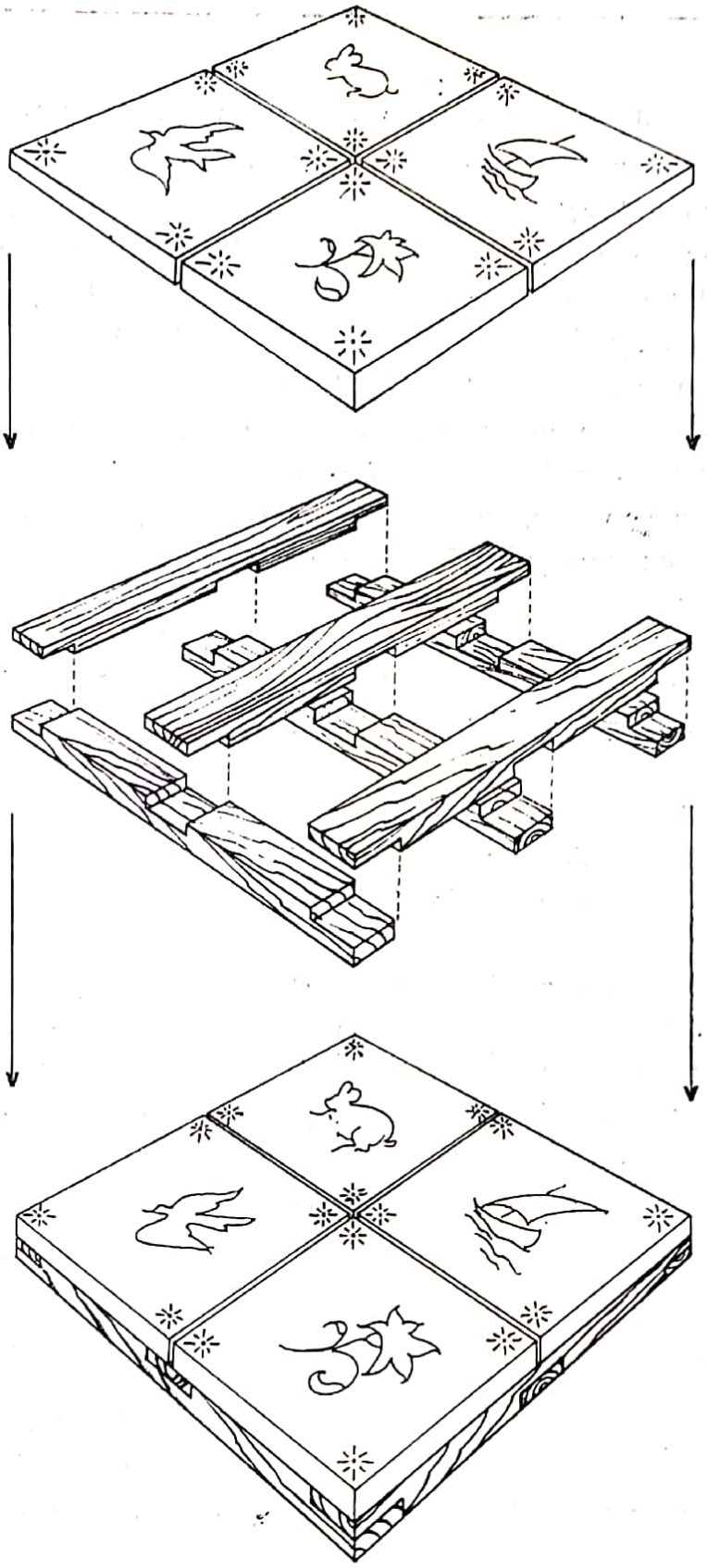
ou seja que, neste caso, o limite é de $8 \times 8 = 64$ azulejos, seja uma carga total de cerca de 35 k por «grade» montada. No caso dos conjuntos excederem o número de azulejos considerados como limite, deverão aqueles ser subdivididos em tantas «grades» quantas as necessárias, as quais serão agrupadas rigorosamente para efeitos de exposição.

Deixou de ser prática aconselhável a montagem de azulejos em quadros com molduras, caixilhos, biseis e outras limitações marginais. Os azulejos serão montados nas «grades» tal como se fossem aplicados nas paredes, sendo os conjuntos apenas rematados nos topos com argamassa de gesso e areia (esquema III). Nos casos de «grades» muito grandes ou quando devam ser agrupadas lado a lado, é aconselhável reforçar a segurança colocando uma régua de madeira no bordo da fiada horizontal interior. De resto, esta régua vem a confundir-se com a base onde eventualmente assentará o conjunto: rodapé, estrado, plinto, etc.

Os azulejos destinados a ser montados em «grades» deverão ser *escrupulosamente limpos,* tanto na face como principalmente no tardoz, que deverá ficar isento de matérias estranhas, nomeadamente dos restos da argamassa da primitiva **fixação.** Todos os sistemas de raspagem são de aconselhar bem como o emprego de soluções ácidas fracas, petróleo, ou ainda melhor, gasóleo.

Os azulejos que estiverem quebrados ou que venham a quebrar durante as operações de arranque, limpeza e montagem, deverão ser reparados e reconstituidos com todos os pedaços originais, por mais pequenos que sejam, usando para o efeito cola própria para aplicação a frio [2]. Existem, aliás, hoje, muitos tipos de cola a frio que poderão ser utilizados com êxito: aconselha-se fazer vários ensaios até se obterem resultados satisfatórios. Quando ao azulejo partido faltem pedaços, a reconstituição deverá ser feita completando o tamanho original com gesso ou, uma mistura de gesso e cimento branco, para o que se utilizará uma caixa molde com as medidas exactas do azulejo original.

Digitalizada com CamScanner



Digitalizada com CamScanner

Em caso algum se deve montar na «grade» um azulejo que não esteja perfeitamente *limpo, reparado* e *reconstituido,* ainda que hajam que ficar em branco (massa à vista) grandes superfícies, ou até mesmo azulejos inteiros. Neste último caso poderá o conservador adoptar azulejos «em biscoito», de cor branca (engobados), adquiríveis nas fábricas da especialidade.

Uma vez construida a grade nas dimensões pré-estabelecidas — para o que se empregará a colagem e nunca pregos ou parafusos — praticam-se na face que vai receber os azulejos golpes como unhas, que ajudará a aderência: servirá um simples formão ou uma goiva bastante grossa, para que a superfície fique rugosa.

A cola é preparada num recipiente metálico, mantido num banho-maria, de água em ebulição constante. Os ingredientes que entram na composição da cola são:

2 partes de cera virgem (cera amarela, de abelhas)
1 parte de resina (vulgo *pez louro*)
½ parte de dextrina branca

Começa-se por deixar derreter a cera, agitando, *sem no entanto deixar ferver;* uma vez derretida, junta-se a resina que se reduziu prèviamente a pó, continuando a mexer. Por último quando toda a resina se encontra incorporada, juntar a dextrina, pouco a pouco e agitando sempre.

Esta mistura produz uma cola viscosa, de cor amarelo claro, que há que conservar quente durante toda a operação da colagem, já que ao arrefecer — o que acontece logo que se tira do banho-maria — solidifica e deixa de ter poder encolante.

Colocada a grade horizontalmente sobre dois cavaletes (para que os excessos de cola que caiam no pavimento possam ser recuperados, tornando a derretê-los), colocam-se os azulejos um a um nos respectivos locais e pela ordem devida, começando

Digitalizada com CamScanner

pela fiada horizontal inferior, havendo o cuidado de verificar frequentemente o alinhamento e desempeno. Os *azulejos deverão estar aquecidos* para o que se colocam sobre uma chapa de ferro quente, ou, em certos casos, são aquecidos com o maçarico. Logo que se espalha a cola necessária nas partes da «grade» que vão receber o azulejo é este colocado imediatamente, exercendo-se uma pressão conveniente para que a cola se espalhe entre o tardoz e a madeira. Esta operação, aparentemente fácil, requer cuidados e habilidade manual, e só com a prática o artífice ficará habilitado a produzir trabalho perfeito.

Terminada a colagem deve o quadro ser colocado horizontalmente sobre uma superfície lisa a fim de evitar empenos. Passado algum tempo, até que arrefeça completamente, pode proceder-se ao acabamento o qual consiste em retirar os excedentes de cola, agora solidificada, para o que se utiliza uma espátula cuja lâmina se aqueceu ou o calor da chama do maçarico. A superfície nobre é então lavada com aguarrás (terbentina), pulida com um pano seco e, em certos casos de superfícies relevadas ou de pouco esmalte, coberta com uma ténue camada de cera branca ou de parafina. Os interstícios dos azulejos são ligeiramente vincados para fazer sobressair as soluções de continuidade. Finalmente o quadro é rematado em toda a periferia com uma mistura de gesso, cal e areia branca, ou só com gesso e areia, alisando convenientemente essa argamassa enquanto fresca.

É conveniente verificar, antes do acabamento, se os azulejos estão sòlidamente colados, para o que basta experimentar exercendo uma pressão forte nos tardoz, através das aberturas da «grade». Se, eventualmente, se verificar que algum ou alguns azulejos se descolam, torna-se necessário retirá-los do conjunto para voltarem a ser colados. Uma lâmina de espátula aquecida, ou, melhor ainda, uma pequena colher de estucador, resolve o problema das descolagens.

Digitalizada com CamScanner

Uma vez terminado o trabalho da montagem dos azulejos nas respectivas «grades» formando quadros, torna-se necessário estudar a sua colocação e exposição por forma a assegurar o maior rendimento didáctico e, simultâneamente, a melhor segurança. Os «quadros» ficaram leves e fàcilmente transportáveis e mesmo quando se trata de grandes painéis a sua subdivisão no maior número de grades permite a distribuição das cargas e uma maior facilidade na colocação.

Vistos pelo verso as réguas engradadas deixam ver os tardoz dos azulejos nos quais ou existem as marcas de origem (coordenadas) ou permitem a sua colocação o que é de grande conveniência. Seguindo a prática tradicional, cada painel onde se torna indispensável agrupar os azulejos por ordem diferenciada — caso dos painéis com figuração ou ornamentação limitada — eram os azulejos marcados no tardoz com letras, algarismos e, por vezes, sinais. Em Portugal usou-se desde o séc. XVI o engenhoso e simples processo de marcar cada azulejo com uma letra e um número, correspondendo aquela às fiadas horizontais e este às colunas verticais. A numeração iniciava-se no primeiro azulejo do canto inferior esquerdo, seguindo os números de 1 em diante da esquerda para a direita. Os azulejos da primeira fiada horizontal inferior tinham a letra comum *a* e daí para cima seguiam-se as fiadas respectivamente *b, c, d, e, f, g, h, i, l, m, n,* etc. Assim a posição relativa de cada azulejo ficava automàticamente determinada e um azulejo marcado, p. ex.: *d-8* teria adjacente pelos lados o *d-7* e o *d-9,* respectivamente à esquerda e à direita, e o *c-8* e *e-8* por baixo e por cima.

Quando se tratava de um conjunto de vários painéis — caso vulgar de silhares para cobrir vários troços de parede de uma mesma sala ou compartimentos — todos os azulejos de um mesmo painel levavam, além das letras e algarismos uma marca comum ou sinal convencional que permitia distinguir os azulejos, por vezes iguais, pertencentes a painéis diferentes. Essas

Digitalizada com CamScanner

marcas ou sinais eram muito variadas: uma cruz, duas cruzes, três cruzes, um ponto, dois pontos, três pontos, etc. Assim é de aconselhar ou avivar as marcas originais ou fazer novas marcas utilizando uma boa tinta de água ou mesmo o manganés cerâmico.

Não consideramos aqui a arrumação dos azulejos, nem sob o ponto de vista estético nem mesmo didáctico; a solução destes problemas deve ser deixado ao gosto e ao conhecimento dos Conservadores. Preocupamo-nos apenas com algumas indicações práticas sobre o modo de fixar às paredes — ou a outro tipo de suporte — os quadros devidamente montados e acabados. O azulejo é, por definição, um material de revestimento e foi concebido para aplicação directa em superfícies parietais ou pavimentares das quais passava a fazer parte integrada. No caso de exposição museológica não é aconselhável incorporar os azulejos nas paredes, a menos que eles passem a fazer parte da própria decoração como por exemplo para guarnecer corredores, escadas, compartimentos utilitários, etc. É evidente que nestes casos não seria necessária a montagem em grades se bem que prevalecessem os cuidados preliminares de limpeza, reparação, etc. O caso vulgar é o de os azulejos serem colocados nas paredes, com carácter temporário e, portanto, fàcilmente momíveis. Por outro lado dever-se-á tanto quanto possível manter o carácter de revestimento evitando portanto limitações ou guarnições marginais e, bem assim, procurar que todo o quadro encoste perfeitamente à parede para evitar a sensação sempre desagradável de coisa *pendurada*.

Foi assim que se imaginou e realizou um tipo de suporte simultâneamente forte, simples, seguro e económico, permitindo um perfeito encosto do quadro à parede e uma boa distribuição de carga com um mínimo de trabalho e de perfurações. Trata-se de uma peça em ferro zincado [3] dimensinoada por forma a envolver as réguas verticais e a aguentar o impulso das horizon-

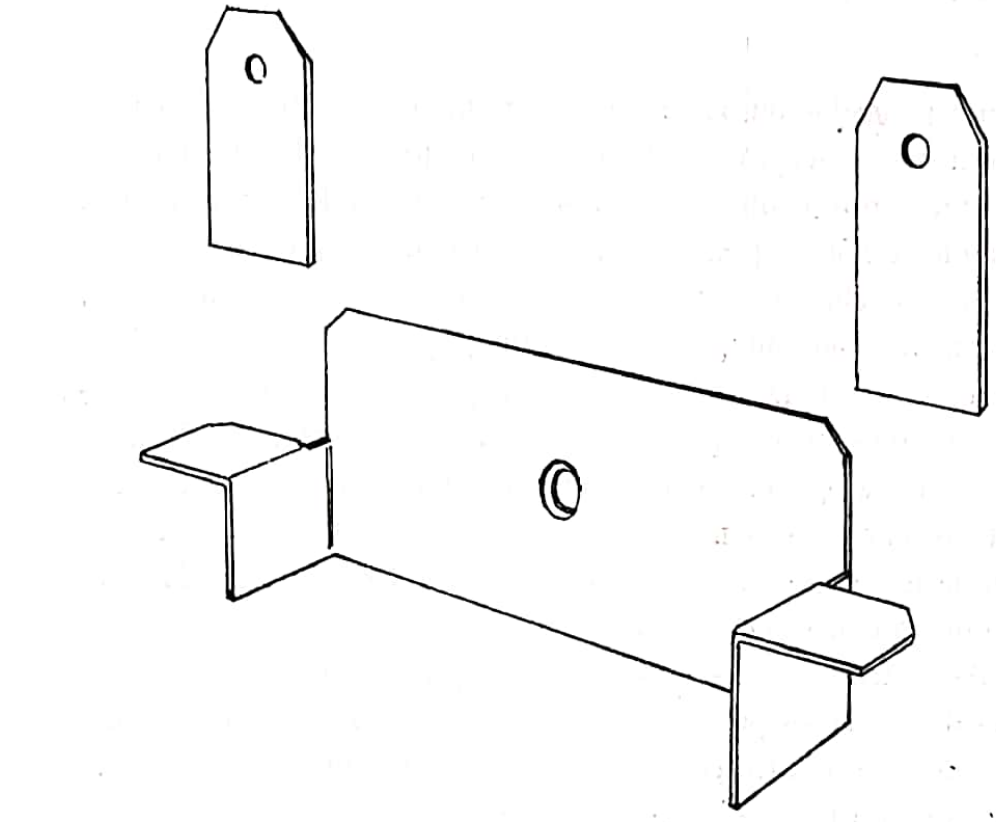
Digitalizada com CamScanner

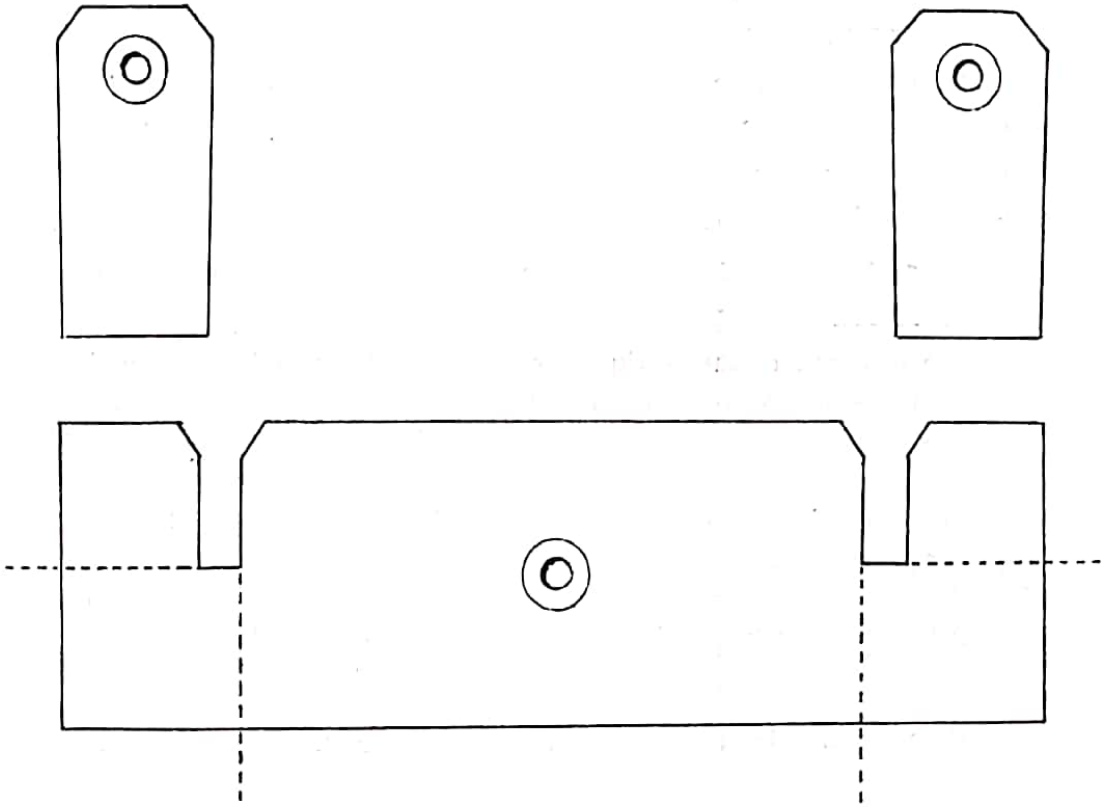
tais. Nestas são aparafusadas duas *unhas* que encaixam perfeitamente na peça suporte (vidé esquema IV). Cada suporte é fixado directamente à parede por meio de parafuso, utilizando-se vantajosamente «buchas» de fibra ou de plástico ou, ainda, o velho sistema de tacos de madeira, cimentados à face da parede.

Depois de escolhida a localização do quadro ou quadros do painel, estuda-se a forma de colocar os suportes de sorte a que os quadros fiquem sòlidamente presos e, no caso de várias grades para o mesmo quadro, que estas se ajustem perfeitamente. Há casos de grandes revestimentos ou grades particularmente pesadas em que se torna difícil o emprego dos suportes metálicos. O sistema de fixação dos azulejos às grades por meio de encolagem cera-resina permite a colocação dos quadros nas paredes aparafusando directamente as réguas às «buchas» que se praticaram naquelas. Para tal basta, ao montar os azulejos nas grades, deixar aqui e acolá o espaço correspondente a um azulejo que faltará assim no quadro a colocar. Estudada a localização determina-se a posição das «buchas» imediatamente sob qualquer das réguas que ficaram à vista por falta do azulejo. Desta forma podem as grades ser aparafusadas sòlidamente, devendo anotar-se na ficha de catálogo qual ou quais os azulejos que se retiraram para permitir aquela operação. Esta anotação servirá para, em qualquer altura, se saber exactamente onde estão colocados os parafusos de fixação. Terminada ela, isto é, uma vez aparafusadas as grades são então colocados os azulejos que vão cobrir os parafusos de fixação. Essa montagem faz-se usando o mesmo sistema de cera-resina, sendo necessário aquecer prèviamente os azulejos e ajustá-los quando ainda quentes; só depois seria possível dar o acabamento previsto.

Não se consideram os casos de apresentação de azulejos isolados, por estes ficarem assim na categoria de quaisquer outros objectos apresentando os mesmos problemas museológicos. Utilizar-se-ão vitrines ou mostradores e os azulejos ficarão simples-

Digitalizada com CamScanner





Digitalizada com CamScanner

mente pousados ou sustentados em suportes-estantes. Em caso algum se aconselha o pendurar dos azulejos isolados nas paredes por meio dos conhecidos arames, ainda usados para pratos. Quando se não disponha de vitrines-armários ou outros mostradores aconselha-se a incorporar os azulejos isolados em grades, juntamente com outros do mesmo tipo, época ou afins e expô-los sob esta forma. Deste caso será indispensável isolar os azulejos separando-os entre si por zonas neutras, preferìvelmente de argamassa de cal e areia, ligeiramente recolhida por forma a que o azulejo sobressaia. Um tal processo permite ao Conservador uma grande liberdade de imaginação e, até poder tirar partido estético dos quadros assim formados.

As instruções acima ditadas pela prática só servirão como guia de primeiros passos, já que será a experiência e o engenho e habilidade do artífice que finalmente determinará os melhores processos de manipulação.

---

[1] São bem conhecidas as riquíssimas secções de cerâmica de alguns grandes museus — Victoria & Albert, de Londres; Louvre, Sèvres e Arts Décoratifs, de Paris; Internazionale delle Ceramiche, de Faenza; Boymans, de Roterdão; Rijksmuseum, de Amesterdão, etc. Em todos estes museus existem exemplares notabilíssimos de cerâmica de aplicação arquitectural.

[2] No nosso caso temos usado com sucesso uma mistura de gesso e cola para madeira (resina sintética) em partes iguais.

[3] Melhor seria ainda em chapa de aço inoxidável.

Digitalizada com CamScanner

SCARPA, LIMITADA
R. das Flores, 41-43 — LISBOA

Digitalizada com CamScanner